

Apesar de ter acertado ao levar a cabo a nacionalização dos recursos minerais da nação, Allende não deu o devido apoio aos comitês formados pelos trabalhadores, que foram considerados excessivamente "radicais" pelos dirigentes da Unidade Popular (UP), união entre diversas forças de esquerda da qual Allende era o principal líder. O governo socialista caía na primeira armadilha da reação.

Além de não ter apoiado a ação independente e auto-organização dos trabalhadores, Allende também se recusou, até o último momento, a desmontar o velho Estado, em particular o Congresso, onde os partidos da direita tinham maioria, e as forças armadas, cujos altos oficiais eram homens de confiança das elites.

A manutenção do antigo aparato de Estado significava abrir as portas a uma enorme campanha de sabotagem e boicotes de produtos básicos, articulada pela direita para instaurar o caos econômico. Escassez de alimentos e blecautes nas cidades eram constantes no governo Allende, principalmente nos meses que antecederam sua queda. As massas enfrentaram o boicote organizando os Corredores de Abastecimento, que distribuía os mantimentos à população. Allende, não ousou levar até o fim a experiência do controle operário e camponês que nascia sobre a produção, em resposta à reação da burguesia. Isso custou caro à revolução. A burguesia, apoiando-se em militares do próprio governo e nos EUA, preparou o golpe e em

11 de setembro bombardeou o palácio de La Moneda. O episódio levou Allende ao suicídio, o poder foi tomado e instaurou-se um verdadeiro regime de terror, o mais sangrento da história, que destruiu fisicamente as camadas mais combativas dos operários e camponeses. Longos anos de escuridão se estabeleceram.

Ensinaamentos da revolução e contrarrevolução chilena

A experiência dos quatro anos de governo de Allende trazem lições muito importantes para os trabalhadores. Os partidos que dizem falar em nome dos trabalhadores na América Latina, em particular os que hoje estão no poder, como na Venezuela, Equador, Bolívia, Uruguai e Brasil, apesar de viverem situações diferentes, enfrentam o mesmo dilema: a recusa de suas direções em romperem com a burguesia e com o imperialismo.



Passeata de trabalhadores em apoio ao presidente Allende

Os ataques a postos de saúde e escolas após a vitória eleitoral de Maduro, o asilo dado para um senador narcotraficante da Bolívia pela diplomacia brasileira, a farsa do julgamento do mensalão no Brasil, o golpe no Paraguai. Estas são mostras incontestáveis de que, mesmo com a política de colaboração de classes, em determinado momento, em que a burguesia sente-se mais forte ou é impelida a ir adiante por temer as massas, ela volta-se contra tudo que vem da classe oprimida.

O trágico desfecho da experiência chilena dos anos 70 mostra que só existe um caminho para o sucesso das lutas dos trabalhadores: exigir dos seus partidos e governos o rompimento total com a burguesia. A organização independente, a unidade dos trabalhadores em luta, a construção de seus partidos sem burgueses, está aí a chave para que não se repita a tragédia do Chile de 1973.

Quem somos

A Esquerda Marxista (EM) é uma organização de luta pelo socialismo. Como seção brasileira da CMI (Corrente Marxista Internacional), lutamos em todo o mundo para ajudar os trabalhadores e jovens a se organizarem na luta por sua emancipação.

Lutamos contra a colaboração de classes e contra a defesa do capitalismo e sua maquiagem feita pelos reformistas. Nada temos que ver com as organizações e agrupamentos ultra-

esquerdistas que, incapazes de se relacionarem com a classe trabalhadora, se dedicam ao divisionismo e ao denunciamento inócuo e impotente. Nós lutamos nas organizações de massa para construir uma corrente revolucionária de massas. Nesse sentido atuamos na luta de classes e nas entidades historicamente construídas pelos trabalhadores e pela juventude.

A EM dirigiu as ocupações de fábricas lutando por sua estatização sob controle dos trabalha-

dores, luta por educação pública e gratuita para todos, pela reestatização de tudo o que foi privatizado, contra a criminalização dos movimentos e organizações dos trabalhadores, em defesa das conquistas e reivindicações da classe trabalhadora e da juventude, contra o capitalismo.

Comitê Central da Esquerda Marxista.

Foice & Martelo

Boletim semanal da Esquerda Marxista - seção brasileira da Corrente Marxista Internacional, Número 20 - 14 de Setembro de 2013 - Preço R\$ 1,00

Governo Dilma: Sem soberania, sem independência, submisso aos capitalistas



Guarda presidencial faz malabarismo com seus fuzis diante da presidente

Dependência e privatizações, a verdadeira face do governo

No dia da independência a presidente declarou: "Esse é um momento que exige coragem e decisão em todos os sentidos. (...) Mais que nunca, o Brasil está aprendendo que o que importa não é termos problemas. O importante é termos as soluções. E mais soluções estão a caminho."

Ainda este mês, vamos fazer novos leilões de portos, aeroportos, ferrovias e rodovias. Esses leilões vão injetar bilhões e bilhões na economia, gerando centenas de milhares de empregos.

Vamos também leiloar, em outubro, um imenso campo de petróleo do pré-sal, o Campo de Libra. Para vocês terem uma ideia, ao longo dos últimos cem anos de exploração do petróleo no Brasil, acumulamos, de reservas,

15 bilhões de barris equivalentes de petróleo. Vejam vocês, só o Campo de Libra tem um potencial de reserva entre 8 e 12 bilhões de barris equivalentes de petróleo. Para sua exploração será exigida grande mobilização de recursos, como, a construção de 15 a 17 plataformas. Assim, vamos estimular toda a cadeia produtiva e gerar milhares e milhares de empregos". (www2.planalto.gov.br)

Essa é a verdadeira face do governo que prometeu ouvir a voz das ruas: entregar o que resta riquezas ainda nacionalizadas do país, estatizadas, ao grande capital internacional.

Ao ouvir esta declaração, todo petista honesto, os que sinceramente ainda lutam para construir o PT, devem ter

sentido vergonha e ficado indignados. Como sempre, para adocicar o amargo medicamento, o governo ofertou parte dos recursos dos royalties do petróleo do pré-sal para a educação e saúde. As verbas para educação e saúde públicas passam assim a depender dos grandes oligopólios mundiais do petróleo, menos soberania.

O começo da inversão de rumos

No início, no PT, a submissão ao imperialismo aparecia mascarada na fórmula idealizada por José Dirceu: inserção soberana do Brasil no mercado mundial. Depois veio a declaração

de Lula: honraremos os compromissos estabelecidos pelo governo anterior (FHC) e os compromissos eram: pagar a dívida externa, ajudar as empresas estrangeiras no país, apertar e cortar direitos da classe trabalhadora, manter a ordem capitalista.

Nessa época muitas pessoas acreditavam e convenciam outras de que havia um "plano B", que Lula tratava a burguesia com luva de pelica para depois "baixar o pau na patrãozada", que iria atender às reivindicações dos trabalhadores, da juventude, dos camponeses pobres e romper com o imperialismo. Mas o "plano b" era o "plano a", o da inserção do Brasil soberanamente no mercado. Na verdade, esta fórmula de inserção soberana foi o germe da aceitação do capitalismo, da burguesia, do abandono da luta pelo socialismo e até mesmo do distanciamento do reformismo. Os reformistas acreditavam que de reforma em reforma chegariam ao socialismo. A fórmula da inserção soberana revela-se impossível – pois para realizar-se deve enfrentar-se com o imperialismo – e aparece com seu verdadeiro conteúdo invertido: inserção submissa e dependente ao imperialismo, capitalismo mais humano.

O 'capitalismo mais humano' impõe guerras, desempregos, cortes nos direitos e provoca a inflação. Beneficia e enriquece um pequeno grupo que explora a ampla maioria cada vez mais pobre, paga religiosamente as dívidas externa e interna. A inserção soberana converteu-se, nas mãos dos que praticam a colaboração de classes, em poder soberano do imperialismo opressor sobre um povo explorado e oprimido.

A Carta

Em 2001, Mercadante e Zé Dirceu foram a New York e voltaram de lá com a Carta aos Brasileiros. Poucos perceberam o real significado do

abraço de Mercadante no touro de ouro da Wall Street. Lula começou seu governo fazendo uma contra reforma na Previdência, arrancando direitos dos servidores federais. Desde então o caminho dos governos PT (Lula e Dilma) foi cada vez mais na direção da burguesia e do imperialismo. Não fizeram a tão esperada reforma agrária, mas abriram caminho ao latifúndio para sua transformação em agronegócio como plataforma de exportação. Deram isenções de impostos, incentivos aos empresários e industriais nacionais e estrangeiros, bem como aos banqueiros.

Porém, para muitos ainda havia esperança, mas como dinheiro na mão é vendável, as cabeças foram sendo confundidas. Até que em junho o vento fresco das lutas das ruas, para alguns, parecia que arejaria as cabeças do governo e faria a direção do PT e a presidente Dilma voltarem à realidade. "Ouvir a voz das ruas", disse Dilma. O PT fez coro e disse: "sim!". Mas nada foi feito.

A CUT se adaptou, o cachimbo entortou a boca dos dirigentes

Em julho, a CUT fez algumas manifestações, parecia disposta a luta e mobilizar. Em seguida murchou, desviou suas atenções para negociações nos gabinetes dos patrões e do governo. A voz das ruas continuou a gritar, agora com menor número de participantes, mas com mais bombas e balas de borracha, inclusive em Brasília no dia 7 de setembro. A cada manifestação mais prisões, e o STF segue empunhando a espada, agitando-a sobre as cabeças de resignados réus, ilustres dirigentes do PT, como se avisasse à plebe: a chibata e o pelourinho voltarão, aquietem-se!

A CUT ameaçou, anunciou que faria greves e manifestações em 30 de agosto. Logo desistiu, nem levou os trabalhadores para as ruas contra o PL 4.330. Fez algumas escaramuças no Congresso Nacional, mas

quer negociar no tapetão, quer aceitar que profissões "menos importantes" possam ser terceirizadas. Não parou por aí: negocia com o governo e com os patrões não mais o fim do Fator Previdenciário, mas a criação de outro fator.

Como Dilma despencou nas pesquisas, todos correram a acudi-la por sua vitória em 2014, mas esqueceram das ruas e das lutas. Os dirigentes estão de boca torta de tanto cachimbar o tripartismo.

Mas como o aliado do governo é o capital e a burguesia, a presidente, atendendo o clamor da Wall Street, ouvindo a voz dos mega empresários, anunciou em 7 de setembro o maior bloco de privatizações jamais visto. Nem Collor nem FHC tiveram tamanha coragem para, dizendo ouvir o clamor, o grito das ruas, o desejo de soberania, colocar-se de joelhos e entregar o que resta do patrimônio estatal à sanha e fome dos imperialistas e capitalistas.

Esse mesmo governo entreguista, ao se deparar com as centenas de prisões que seus governos realizam em diferentes estados e também no DF, contra os manifestantes que ainda seguem clamando por direitos nas ruas, cala-se e curva-se diante dos governos mandantes da repressão que são seus aliados, coligados ao PT. Aceita a ingerência e a espionagem oficial dos EUA, tanto no Planalto como na Petrobrás. Resmunga daqui e dali, mas está de rabo preso, seu programa é um programa de aceitação das ordens imperiais dos EUA.

Nesta situação resta aos trabalhadores e jovens se mobilizarem e se organizarem por suas reivindicações e pela construção da verdadeira independência nacional, sob um programa de ruptura com o imperialismo e de construção do socialismo, ao lado dos trabalhadores de todo o mundo. Essa é a luta da Esquerda Marxista e da Corrente Marxista Internacional.

Em defesa da saúde pública e gratuita. Boas vindas aos cubanos!



O Programa Mais Médicos está longe de ser o suficiente sequer para começar a resolver a crise da saúde no Brasil. Não é possível resolver esta situação sem enfrentar os privilégios dos super-ricos. Basta ver que 47% do Orçamento Federal vai para os banqueiros (juros da dívida) e só 3,5% para a saúde. Esse é o gargalo que tem que ser eliminado.

A EM não é contrária à vinda de médicos de outros países. Os médicos cubanos podem, inclusive, con-

tribuir com sua formação adquirida em um sistema de saúde muito diferente e melhor que o brasileiro, provando que uma revolução, mesmo que limitada e burocratizada, pode conseguir grandes avanços.

Isto fica claro na comparação dos indicadores deste setor. Em Cuba o sistema de saúde é estatal e por isso os recursos são aplicados de modo integrado e racional, enquanto no Brasil o Ministério e as Secretarias de Saúde atuam como balcões de negócios de empresas privadas. É o caso das Organizações Sociais (OSs). O resultado é a precarização de hospitais e postos de saúde, arrocho salarial, falta de um plano de carreiras para os servidores e ausência de concursos públicos para contratar trabalhadores em número suficiente.

As entidades médicas, como a AMB, que afirmam que a contratação dos médicos cubanos é similar ao trabalho escravo, porque eles não teriam direitos trabalhistas e não vão receber o salário do Programa Mais Médicos, estão sendo irresponsáveis. Os médicos cubanos são funcionários públicos. Eles receberão seus salários normalmente, ajuda de custo

e seu tempo aqui contará para suas aposentadorias. A diferença entre o salário do programa e o salário normal que receberão poderá ser usado no sistema de saúde daquele país, o que é coerente com o caráter socializado da medicina cubana.

Mas ao invés de trazer médicos cubanos apenas para remendar o esburacado sistema brasileiro de saúde, a presidente Dilma deveria aprender com eles que é preciso lutar contra os tubarões da saúde privada para poder construir um sistema totalmente público, gratuito e de qualidade. Ao contrário disso, ela prefere confiar em suas alianças com os partidos burgueses. Os trabalhadores é que pagam a conta.

A destinação dos "royalties" para a saúde e a educação, por sua vez, são para legitimar a privatização do petróleo. Porém, se os leilões do pré-sal fossem anulados e o monopólio estatal do petróleo reestabelecido, as receitas para estes setores seriam muito maiores.

Pela saúde e pela educação, a EM levanta a bandeira histórica dos trabalhadores brasileiros: "O petróleo é nosso! Contra os leilões!".

40 anos do golpe militar no Chile: lições para o presente

O dia 11 de Setembro ficou marcado na história recente pelos atentados ao World Trade Center, em Nova York, ocorrido há 12 anos, em 2001. Contudo, outro episódio, muito mais trágico, ocorreu neste mesmo dia: o golpe no Chile, em 1973, quando o presidente Salvador Allende, eleito pelo voto popular em 1969, foi deposto por uma violenta ação militar.

O aniversário de 40 anos do golpe e da morte de Allende segue gerando intensos debates entre a esquerda. Isso porque muitos equívocos cometidos na época, que abriram espaço ao golpe, continuam sendo repetidos em vários países. No Brasil, a política de colaboração de classes praticada pelo PT é o principal exemplo. Lembrar o Chile de 1973 para não cometer os mesmos desca-

minhos é uma tarefa dos marxistas.

Avanço do movimento: nacionalização e reforma agrária

Ao assumir o poder em 1969, o médico socialista Salvador Allende parecia romper com o secular domínio de uma burguesia atrasada e submissa aos aliados estrangeiros. O povo chileno tinha elevadas expectativas de mudanças com sua chegada ao poder.

Com amplo apoio popular, Allende iniciou a nacionalização das riquezas minerais chilenas, em particular o cobre que estava nas mãos do capital estrangeiro. Nesse processo, a classe operária foi além do que pretendiam suas direções, sobretudo as do Partido Socialista Chileno (PSCh) e do Partido Co-

munista Chileno (PCCh), iniciando a construção de conselhos de trabalhadores em muitos locais. Um movimento semelhante ocorreu no campo com a decretação da reforma agrária. Os camponeses pobres sentiram-se fortalecidos e ocuparam terras.

Reformismo ou Revolução?

As elites e a velha classe política estavam em crise. O povo dava provas de estar disposto a avançar cada vez mais. A confiança da classe média no sistema vacilava. As condições para uma radicalização da situação política no Chile estavam dadas. Mas as direções, presas ao reformismo e à colaboração de classes, lhes fecharam as portas. A direita se fortaleceu.

Expediente: Boletim Foice & Martelo - Órgão da Esquerda Marxista, seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (www.marxist.com). **Diretor responsável:** Serge Goulart. **Editor responsável:** Wanderci Bueno. **Jornalista responsável:** Rafael Prata: MTB nº 40040/SP. **Sede Nacional:** Rua Tabatinguera, 318 - Sé - Centro - São Paulo - SP - CEP: 01020-000. e-mail: contato@marxismo.org.br - Telefone: (11) 3101 8810.